

Nossos
MORTOS

2018



De 02 a 06
de julho de 2019



Foto: Luiz Alves

Nossos Mortos

21h00 - Porto Dragão

Grupo / Artista: Teatro Máquina (Fortaleza - CE)

Classificação: 12 anos

Duração: 60 min

Entrada: Gratuita

Release

A peça traz a voz de Antígona – tragédia de Sófocles – articulada e somada às inúmeras histórias reais dos massacres a movimentos populares, especialmente o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, em Crato, no Ceará, abordando duplamente o massacre real e o mito grego, em uma operação interessada em desenterrar uma das inúmeras histórias brasileiras que ainda precisam ser esclarecidas e contadas. O espetáculo, através de intensa criação musical e pesquisa vocal cria ambiências sonoras e visuais para dar corpo ao luto interminável dos que ainda hoje não tiveram as mortes de seus parentes devidamente apuradas.

Ficha Técnica



&TEATRO

LUZ ALVES/INFLUÊNCIA



| ESPETÁCULO | Grupo Teatro Máquina apresenta *Nossos Mortos*, de sexta a domingo, na Caixa Cultural Fortaleza. A montagem tem direção de Fran Teixeira



TERESA MONTEIRO
teresamonteiro@opovo.com.br

A Caixa Cultural Fortaleza (Praia de Iracema) recebe, neste fim de semana, a curta temporada de *Nossos Mortos*. Sob a direção de Fran Teixeira, o espetáculo do grupo cearense Teatro Máquina será apresentado em dois horários - às 20 horas (sexta e sábado) e 19 horas (domingo) - e traz as atrizes Ana Luiza Rios e Loretta Diália numa narrativa entrecruzada do mito grego de Antígona de Sófocles com o massacre real de movimentos populares nordestinos.

O embrião da peça, no entanto, remete a 2003 quando a diretora adentrou algumas localidades da região, como o Raso da Catarina e Canudos (BA), o Parque Nacional Serra da Capivara (PI) e o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (Cariari cearense). "Realizamos uma viagem de pesquisa e criação, que foi contemplada no Rumos Itaú Cultural, chamada *Sete Estrelas do Grande Carro* com Leonardo Mouramates e Ayrton Pessoa Bob. Durante a viagem, fizemos algumas paradas planejadas e outras não", relembra.

"Cada artista tinha projetos que gostava de realizar, como pequenos programas performáticos, ensaios fotográficos, roteiros, etc. Eu estava com a tragédia Antígona e queria encontrar pessoas que não pudessem enterrar seus parentes que migraram para o Sul/Sudeste. Mas a passagem pelo Caldeirão e por Canudos, além das inúmeras cidades inundadas, movidas e abandonadas que visitamos, me fizeram retomar Antígona

sob a perspectiva da relação com o luto interminável, o direito inalienável da despedida e de poder conferir as homenagens devidas aos entes queridos", embasa a diretora.

Nossos Mortos, de certa forma, foi ganhando corpo a partir dessas imersões. "A luta da heroína de Sófocles foi se materializando na voz daqueles que pedem por justiça e começamos a encarar o material no Piauí. Fizemos uma primeira leitura pública no povoado Sítio do Moco e depois em Arueiroz, no Sertão dos Inhambuns". A peça, que teve sua estreia em abril do ano passado, já foi vista em São Paulo (Sesc Pompeia) e, no Ceará, já se apresentou em eventos como Maloca Dragão, Festival Nordestino de Teatro (FNT), Festival Porto Alegre em Cena e Mostra Sesc Cariari de Culturas.

"O trabalho é bem essencialista. Há três dispositivos que conversam entre si no seu minimalismo: a cenografia de Frederico Teixeira, com o círculo fixo em backlight; a iluminação lateral, quente e sombria de Walter Façanha e as vestes meio parangolês de Diogo Costa. O corpo-voz e o engajamento das atrizes fala, canta e dança com tudo isso", garante Fran, que conta ainda com a direção musical assinada por Consiglia Latorre e trilha sonora executada ao vivo por Ayrton Pessoa Bob, Levy Mota e Di Freitas, este último responsável pela confecção de todos os instrumentos de corda usados em cena.

"Há também todo um trabalho de espacialização do som, a partir das pesquisas de sonoridades múltiplas e paisagem sonora do Bob e da Consiglia", complementa Fran. "Di Freitas nos apresentou algumas cantoras de incências. Dane de Jade (gestora cultural) também nos apresentou outras cantoras e

A luta da heroína de Sófocles foi se materializando na voz daqueles que pedem por justiça"

FRAN TEIXEIRA, diretora

articulou com agentes culturais de Barbalha um encontro com um grupo de penitentes. Depois dessa viagem, a música entrou no espetáculo de forma muito marcante", revela.

Após a Caixa Cultural, *Nossos Mortos* pretende seguir para outros palcos. "Temos de estar em junho em Sousa (PB) e em Juazeiro do Norte, pelo programa do BNB, que nos ajuda a circular pelos centros culturais. Além disso, vamos continuar cavando oportunidades para estar em cartaz em Fortaleza, o que nos deixa sempre muito felizes. Acreditamos que precisamos continuar fazendo teatro, sem grana e sem espaço, mas juntos, porque com o teatro podemos movimentar um tipo de encontro único e incendiário".

Espectáculo "Nossos Mortos", do grupo Teatro Máquina

Quando: sexta (06) e sábado (07), às 20 horas; domingo (08), às 19 horas

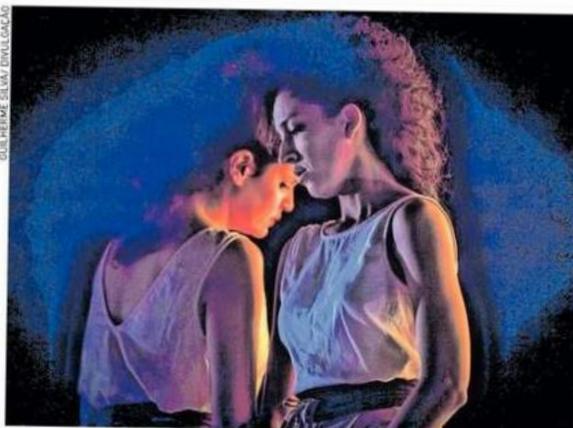
Onde: Caixa Cultural Fortaleza (av. Pessoa Anta, 987 - Praia de Iracema)

Quanto: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia). À venda na bilheteria, a partir das 10 horas.

Classificação: 12 anos

Informações: (85) 3453 9770

GUIA HERMES SILVA/INFLUÊNCIA



ATRIZES Ana Luiza Rios e Loretta Diália em cena

ARTES CÊNICAS

A

Felipe Gurgel

felipe.gurgel@diariodonordeste.com.br

morte, na cultura ocidental, normalmente é encarada com pesar. E as partidas que acontecem em circunstâncias trágicas ganham contornos ainda mais dramáticos e envolvem lutos mal resolvidos. A partir dessa reflexão, e da combinação entre a história do massacre ao movimento popular do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, no Crato, na década de 1930, e do mito grego de Antígona (tragédia de Sófocles); o grupo Teatro Máquina encena o espetáculo “Nossos Mortos”, há um ano.

Nesta sexta-feira (26), até domingo (28), a peça estará em cartaz, em curta temporada na Caixa Cultural Fortaleza (Praia de Iracema). Em abril de 2018, o espetáculo teve sua estreia no Sesc Pompeia, em São Paulo/SP, a convite do próprio Sesc. “Foi legal, porque longe de casa a gente tem outro público, com o qual estamos menos acostumados. Só tivemos dificuldade de permanecer em cartaz com a peça, depois disso”, situa a diretora do Teatro Máquina, Fran Teixeira.

Na sequência, “Nossos Mortos” esteve na programação de um circuito de festivais locais e pelo Brasil: Maloca Dragão, Festival Nordestino de Teatro de Guarimiranga, Mostra Sesc Cariri de Culturas (Crato) e Porto Alegre em Cena (RS).

“Foram apresentações mais isoladas no calendário, mas todas foram importantes. E no fim do ano passado, a gente ainda fez uma apresentação no Teatro Universitário (Benfica)”, acrescenta Fran. Com o elenco formado pelas atrizes Ana Luíza Rios e Loreta Dialla, “Nossos Mortos” teve seu primeiro texto elaborado em 2015.

No ano seguinte, o grupo circulou pelo Festival Palco Giratório e apresentou cinco trabalhos, dentre eles o infantil “João Botão” e “O Cantil” (espetáculo lançado há 11 anos).



FOTO: ALAN SOUSA

“Nossos Mortos” teve estreia há um ano, em SP, e desde então circulou pela programação de festivais

O grupo cearense Teatro Máquina está em cartaz com o espetáculo “Nossos Mortos”. A curta temporada acontece de sexta (26) até domingo (28), na Caixa Cultural Fortaleza

Em 2017, o Máquina trabalhou no Laboratório de Artes Cênicas do Porto Iracema com a gaúcha Tânia Farias. E por conta de todo esse movimento, Fran Teixeira crê que a trupe alimentou sua reputação e, como consequência, atraiu o convite do Sesc paulista.

Luto

Para elaborar a estética do espetáculo, Fran Teixeira observa que o Teatro Máquina

enfatizou mais a questão do luto mal resolvido (dentre os familiares de quem militou pela comunidade do Caldeirão), e menos a situação de morte. A poética de “Nossos Mortos” envolve uma “carga de lamento” pela memória dos massacrados.

“A gente ficou 11 dias acompanhando a romaria de Finados em Juazeiro do Norte. E eles não têm só essa carga da despedida la-

mentosa, imediata (sobre a forma de encarar a morte)”, situa Fran.

Trilha

Para esta temporada na Caixa Cultural, a novidade da peça é a execução da trilha sonora ao vivo. Os músicos Ayrton “Bob” Pessoa, Di Freitas e Levy Mota compõem o espetáculo, sob direção musical de Consiglia Latorre.

“A canção e a dança compõem a forma de realizar o luto também. O tema não é simples, a abordagem é delicada, mas a gente tenta tomar de conta de todas essas camadas”, reflete a diretora.

Serviço

Temporada da peça “Nossos Mortos”

De sexta (26) até domingo (28), na Caixa Cultural Fortaleza (Avenida Pessoa Anta, 287, Praia de Iracema). Sexta e sábado, às 20h. E domingo, às 18h. Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia). Contato: (85) 3453.2770

Nossos lutos e tragédias

Shows e Espetáculos

Teatro Máquina comemora 15 anos com mostra no Cineteatro São Luiz

Fortalecendo a história de 15 anos e apostando na resistência para um futuro incerto, o grupo Teatro Máquina comemora aniversário com mostra especial no Cine São Luiz.

15/10/2018 09:12:00



NULL

[FOTO1]

“A gente estava se conhecendo, fazendo teatro. Não era uma grande urgência manter o grupo. A gente não nasce enquanto grupo, mas fomos nos construindo e nos entendendo assim”, remonta a diretora e professora Fran Teixeira sobre o começo do grupo Teatro Máquina, que completa 15 anos de existência em 2018. A comemoração ocorrerá em mostra especial com espetáculos de repertório que serão montados de hoje à

quarta-feira, 17, às 19 horas, no Cineteatro São Luiz.

Fran lembra que, em 2002, ela estava retornando para Fortaleza depois de fazer um mestrado “bem teórico” sobre o autor alemão Bertold Brecht e “queria experimentar essa dramaturgia”. Ao conhecer um grupo de estudantes que tinha experiências amadoras com teatro de rua, ela os convidou para um primeiro trabalho teatral, em 2003. “Fomos fazendo temporadas. Eu entrei como professora no curso de teatro do IFCE (Instituto Federal do Ceará) e conheci outros atores. Fomos fazendo editais e entendendo um pouco mais sobre como trabalhar profissionalmente”, contextualiza.

Conforme a diretora, o ponto de virada veio em 2007, quando o grupo ganhou o edital Myriam Muniz, da Funarte (Fundação Nacional de Artes, ligada ao Ministério da Cultura). Foi a partir dele que, em 2008, estreou O Cantil, que será apresentado na mostra de aniversário. “É o trabalho de repertório mais antigo do grupo”, contextualiza Fran. Além dele, serão montados Diga que você está de acordo! MÁQUINAFATZER e Nossos Mortos - todos “tendo a ver com guerra, fome, violência, propriedade. Nós gostamos de temas mais graves, duros, e acho que esse é um dos papéis do teatro: ver as questões que ainda estão em aberto, que nosso tempo de humanidade não resolveu”, defende a diretora.

Depois de O Cantil, o grupo conseguiu força para circular nacionalmente e se manter. "A gente começa então a participar de um circuito mais amplo e isso coincide com uma política de cultura mais consolidada: já tinha acontecido o ministério (da Cultura) do (Gilberto) Gil, havia apoios para a manutenção de grupos, os grupos estavam mais politicamente envolvidos e engajados", elenca Fran. Esse movimento positivo, no entanto, veio sendo desconstruído e descontinuado com o passar dos anos. O edital da Funarte que proporcionou ao Máquina a consolidação como grupo, por exemplo, foi descontinuado.

"Agora a gente está diante de um completo desconhecido. Provavelmente vai ficar pior. As políticas da Funarte não existem. Nacionalmente, o apoio é ou do Sesc ou da Petrobrás e eles devem beneficiar, em geral, grupos mais estabelecidos", avalia a diretora. "A gente conseguiu se organizar porque havia políticas estaduais e municipais, que eram mais regulares, e federais.

Para 2019, a gente não tem perspectiva nenhuma, a não ser um edital de circulação no Cariri e na Paraíba", afirma. "É muito tenebroso não saber com o que contar, que políticas irão vir. A clareza que temos é que não vai ser fácil.

Já não está sendo", considera. Fran avalia que localmente, por exemplo, um dos principais pontos críticos do circuito de artes cênicas é a falta da possibilidade de continuidade de um espetáculo. "O ideal é fazer uma temporada, mas essa chance é bem rara por não ser a política em geral dos espaços daqui. Aí vem outra discussão: onde apresentar? A gente pensa que tem vários espaços, mas é mais provável ficar em cartaz em São Paulo, onde existe uma política de convite e de pequenas temporadas, do que em Fortaleza. É triste, mas é isso", compara.

A oportunidade da mostra de aniversário, então, surge como uma oportunidade especial para o grupo. "Como a gente não consegue ficar em temporada, é bom poder apresentar esses espetáculos para quem nunca ouviu falar ou quem ouviu falar, mas não teve como ver. Eu sou professora de alunos de 19 anos que não puderam ver O Cantil na estreia e agora há a chance", comemora. A toada do grupo, em suma, é positiva. "O que nos apoia é nossa história, é o que a gente tem construído e é poder contar com isso como perspectiva para continuar fazendo teatro. A gente sabe que, juntos, temos mais ânimo para continuar. O teatro é uma arte eminentemente coletiva. Fora o grupo - somos seis -, tem um coletivo de colaboradores já há muito tempo com a gente. Isso anima", vibra.

Mostra Teatro Máquina 15 anos

Nossos Mortos (CE)



21 e 22/09 às 19h - Sala Álvaro Moreyra / Ingressos: R\$ 40-80

A peça traz a voz de Antígona – tragédia de Sófocles – articulada e somada às inúmeras histórias reais dos massacres a movimentos populares, especialmente o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, em Crato, no Ceará, abordando duplamente o massacre real e o mito grego, em uma operação interessada em desenterrar uma das inúmeras histórias brasileiras que ainda precisam ser esclarecidas e contadas. O espetáculo, através de intensa criação musical e pesquisa vocal, cria ambiências sonoras e visuais para dar corpo ao luto interminável dos que ainda hoje não tiveram as mortes de seus parentes devidamente apuradas. O grupo Teatro Máquina, desde 2003 em atividade em Fortaleza, é reconhecido por sua pesquisa investigativa acerca da linguagem cênica, em que a base de suas criações é orientada pelo entendimento do teatro como lugar de encontro e invenção de realidades, transformando seus espetáculos em veículos de compartilhamento, difusão e agitação cultural.

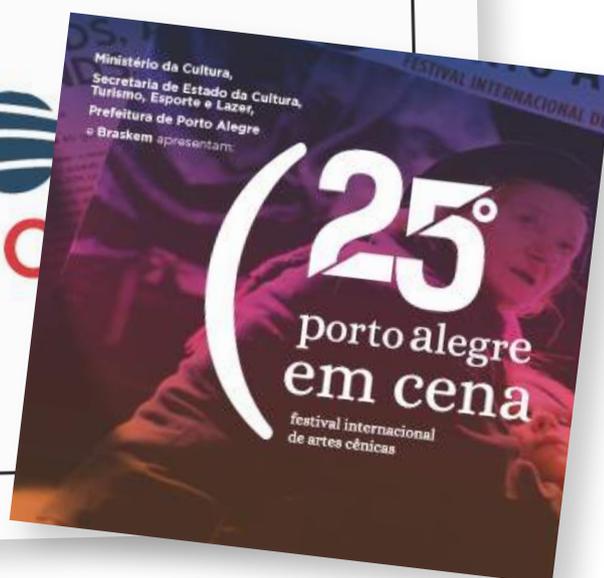
Ficha técnica:

Direção: Fran Teixeira / Elenco: Ana Luíza Rios e Loreta Dialis / Direção musical e Preparação vocal: Consiglia Latorre / Dramaturgia e Produção: Teatro Máquina / Tutoria: Tânia Farias (Tribos de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz) / Música e som ao vivo: Ayrton Pessoa Bob, Di Freitas e Levy Mota / Rabeca de cabeça: Di Freitas / Preparação corporal: Fabiano Veríssimo e Márcio Medeiros / Desenhos: Marina de Botas e Simone Barreto / Figurino: Diogo Costa / Desenho de luz: Walter Paçanha / Cenografia e arte gráfica: Frederico Teixeira / Assistência de cenografia: Marina de Botas / Fotos: Celso Oliveira e Luiz Alves / Recomendação etária: 16 anos / Duração: 60min.

Foto: Luiz Alves

PORTO
DRAGÃO

Tags: 2018



COLUNAS



Antônio Hohlfeldt
Teatro

Edição impressa de 05/10/2018. Alterada em 05/10 às 01h00min

Concentração de temas e reflexão aprofundada



Espectáculo Preto foi apresentado na última semana do Porto Alegre em Cena

NANA MORAES/DIVULGAÇÃO/JC

A última semana do Porto Alegre em Cena teve enorme diversidade de espetáculos, tanto em sua origem, quanto em suas propostas. Mas, ao contrário de anos anteriores, cresceu a preocupação com um foco único para a mostra, o que significa selecionar obras que atendam a certas demandas de seus curadores, no caso, questões vinculadas aos preconceitos e à marginalização social.

Talvez o exemplo mais evidente dessa tendência tenha sido Preto, criação da Cia. Brasileira de Teatro, sob a direção de Márcio Abreu. *Preto* vem assinada triplamente pelo próprio Márcio Abreu, mais a dramaturga Grace Passô e Nadja Naira. No elenco, além das próprias Grace Passô e Nadja Naira, temos Cássia Damasceno, Felipe Soares, Rodrigo Bolzan e Renata Sorrah, com Rafael Bacelar como Sant by. A cena é simples: uma mesa, ao fundo, com cadeira e lâmpada; mais à frente, à direita, na boca de cena, outra mesa pequena, em que se apresenta um personagem feminino. O personagem à

frente convidando os espectadores a subirem ao palco e realocarem a mesa e as cadeiras. Os demais atores, logo se percebe, sentados na primeira fila da plateia, sobem, então, à cena.

A partir daí, durante quase hora e meia, o elenco apresenta diferentes situações que vão, claramente, de paráfrases de textos clássicos a depoimentos quase autobiográficos. O conjunto de falas vai revelando situações-limite de exploração e de violência da contemporaneidade, em especial na sociedade brasileira.

Grace Passô, que tem se sobressaído como uma voz atuante na nova dramaturgia nacional, sempre em defesa da negritude e dos despossuídos, tem uma grande qualidade: ela sabe que a cena teatral não é lugar de discurso, embora possa e deva ser o lugar da denúncia social. Assim, como num debate posterior enunciou Paulo Flores, do grupo Ói nós aqui traveiz, sua grande contribuição à dramaturgia contemporânea brasileira é a capacidade de criar e inventar modos de dizer e de mostrar, cenicamente trabalhados, jamais esquecendo que se está no teatro e não num comício ou algo parecido. O resultado é um espetáculo que, quer quanto à dramaturgia em sentido estrito, quer enquanto concepção cênica, prende a atenção do público e provoca reações variadas, inclusive a de pessoas que preferem sair do teatro a assistir à encenação.

Um dos elementos mais claramente pontuados pela dramaturgia da obra é a perspectiva autobiográfica: por exemplo, logo no início, Grace Passô como Grace Passô deixa claro que não pretende fazer autobiografia, mas, ao mesmo tempo, faz referências explícitas a suas próprias experiências (dela, sim, mas dela também enquanto personagem). Mais adiante, Renata Sorrah participa de toda uma sequência em que se apresenta uma paráfrase a passagens da *As lágrimas amargas de Petra Von Kant*, de Fassbinder, que a própria Sorrah encenou, há muitos anos - aliás, espetáculo emocionante, a que assisti em São Paulo e depois ainda no Teatro Leopoldina, aqui em Porto Alegre, mas invertendo os papéis, de modo a repensar a proposta da peça, e assim por diante.

O espetáculo é provocativo, sim, mas é inteligente e sensível. Grace Passô, Márcio Abreu e Nadja Naira sabem que estão fazendo teatro e fazem teatro, com excelente e admirável qualidade.

Outro trabalho que chamou a atenção foi o chileno *40 mil Kms*, produzido pelo Teatro Club Social, de Santiago, com dramaturgia de Carlos Aedo Casarino e Maria Luisa Vergara. No elenco, Mayra Padilla, Aída Escudero, Eliana Furman e Ralph Jean Baptiste. Cada ator vive sua autobiografia. Trata-se de quatro imigrantes: uma jovem oriunda da Argentina, outra do México, uma terceira da Espanha e, enfim, o homem velho do Haiti. Os quatro vivem há algum tempo no Chile e enfrentam diferentes problemas de adaptação e de ambientação no novo país. O debate ocorre, justamente, a partir dos motivos que levam alguém a emigrar e, de outro lado, os desafios

Para se reencontrarem nos novos espaços. O roteiro se dá a partir de uma dialogação constante entre os personagens que nem sempre estão de acordo entre si. Esboça-se um Chile menos simpático aos que chegam como migrantes (os mesmos problemas que enfrentamos hoje, no Brasil, em relação a mãos haitianas, aos senegaleses e, sobretudo, mais recentemente, com os venezuelanos). Neste sentido, a peça é extremamente oportuna. O espetáculo, de pouco mais de uma hora de duração, utiliza modernas técnicas narrativas, variadas, com projeções de imagens e gravações musicais ou com depoimentos de outros personagens.

Num outro registro, o Grupo Bagaceira, de Fortaleza, encontramos um espetáculo eminentemente poético. Rafael Martins desenvolveu um texto dirigido por Yuri Yamamoto, com assistência de direção do próprio autor, que é interpretado por Samya de Lavor e Tatiana Amorim, sendo Rafael e Rogério

atores contrarregras. O enredo apresenta duas mulheres do sertão, mãe e filha (a mãe, aparentemente, está morta, mas continua sobrevivente), chegadas a um determinado local onde se encontra o público, a plateia do espetáculo. A cenografia prevê duas arquibancadas próximas, uma frente à outra, deixando apenas um estreito corredor. No centro de ambas as arquibancadas, espaços que serão ocupados, respectivamente, por mãe e filha. O diálogo avança poeticamente até chegar ao tema da memória. A partir daí, o público é incluído na criação, instado a falar de seus parentes, em especial das mães e, depois, a mostrar fotografias de suas avós. Ao mesmo tempo, são distribuídos papeluchos em que se deve escrever o nome desta avó, cujo neto é depois convidado a falar de sua memória.

A ideia é muito bonita e eficiente: vi gente realmente emocionada ao lembrar seus entes queridos, sobretudo no caso de pessoas que já faleceram. Mas ao mesmo tempo, acho que esta passagem, que ocupa pouco mais da metade do espetáculo, é demasiadamente longa, poderia ser mais curta e alcançaria maior eficiência dramática. De qualquer modo, trata-se de um trabalho muito bonito e que nos leva a uma introspecção importante: em tempos de selfies e imagens de Instagram, a registrarem artificial e exteriormente imagens do que fazemos (como se fôssemos aquilo), a encenação propõe exatamente o movimento contrário: explorar imagens já existentes, devolvendo-lhes vida e sentido, a partir da memória e do sentimento.

Por fim, dentre os tantos trabalhos a que assisti, merece referência outro espetáculo do Ceará, produção do Teatro Máquina, com dramaturgia do grupo, tutoria de Tânia Farias (do porto-alegrense *Ói nós aqui traveiz*), intitulado *Nossos mortos*, que faz uma junção entre a tragédia *Antígona*, de Sófocles, e um relato a respeito do massacre sofrido pelos camponeses do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, descendentes dos fugitivos do grupo liderado por Antonio Conselheiro em Canudos, conforme *Os sertões*, de Euclides da Cunha. O massacre do Caldeirão, por outro lado, também tem um registro emocionante e emocionado do romancista Cláudia Aguiar, descendente de um daqueles massacrados. Na peça, Ana Luiz Rios e Loreta Dialla apresentam litânias aos seus mortos. Neste sentido, a peça se constitui numa espécie de ritual religioso que, ao mesmo tempo em que relata e denuncia, chora e enaltece os desaparecidos, evidenciando que, tanto o assassinato de Antígona, quando a morte dos camponeses do Caldeirão obedecem a uma mesma lógica do autoritarismo do poder político. O espetáculo emociona pelas interpretações, valorizadas pela trilha sonora de Ayrton Pessoa Bob, interpretada ao vivo, por um conjunto de percussão e cordas, incluindo a tradicional rabeça e as vozes das duas atrizes.

Em resumo, a segunda semana do Porto Alegre em Cena foi tão densa e, ao mesmo tempo, tão variada quanto a primeira. O menor número de espetáculos e uma curadoria mais centralizada em alguns temas e seus desdobramentos permitiu uma imensamente maior unidade à mostra, que ganhou em qualidade e permitiu, certamente, reflexões mais aprofundadas, distanciando-se um pouco da simples curiosidade em torno de espetáculos e realizadores de outros centros de produção. Tornou-se, assim, mais oportuno e politicamente produtivo.

CORREIO DA PARAÍBA

JORNALISMO COM ÉTICA E PAIXÃO

sexta, 26 de julho de 2019



ARTES

COMPARTILHAR:

ESPETÁCULO 'NOSSOS MORTOS' UNE TRAGÉDIA GREGA E MASSACRES BRASILEIROS

André Luiz Maia / 08 de junho de 2019

Foto: Luiz alves/Divulgaçã



O direito a velar e enterrar nossos mortos é inalienável. Bom, ao menos deveria ser. Desde a Antiguidade, essa questão é abordada, seja na sofisticação da ficção, seja na crueza da vida real. O espetáculo *Nossos Mortos*, do Teatro Máquina, faz uma costura decorrente de uma costura robusta, conectando massacres e tragédias brasileiros ao clássico do teatro grego, *Antígona*.

O grupo cearense apresenta hoje mais uma sessão do espetáculo no Centro Cultural Banco do Nordeste, em Sousa. A diretora da peça, Fran Teixeira, faz questão de salientar a forma como os paraibanos acolheram os espetáculos apresentados pela companhia ao longo dos anos no estado. "É realmente impressionante, o carinho e o interesse do público pelo nosso trabalho não é habitual, acho que apenas em Porto Alegre encontramos uma resposta tão positiva quanto à da Paraíba", ressalta.

Nossos Mortos traz a voz de Antígona articulada às inúmeras histórias dos massacres a movimentos populares, especialmente o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, em Crato, Ceará. O massacre em Canudos, na Bahia, também é abordado. A ideia de conectar esses acontecimentos ao clássico da tragédia grega surge de maneira orgânica, devido a uma circulação que o Teatro Máquina fez por estados do Nordeste em 2015.

"O projeto Sete Estrelas do Grande Carro, patrocinado pelo Itaú Cultural, fez com que cinco artistas do nosso grupo, um cineasta e um músico circulassem por três localidades do Sertão nordestino. No meio do caminho, paramos em Juazeiro do Norte. Aí veio a ideia de visitar o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto", relembra a diretora.

O sítio foi palco, entre as décadas de 1920 e 1930, de uma experiência messiânica, liderada pelo beato José Lourenço, que recebe o terreno pelas mãos do próprio Padre Cícero. "Atraídos pela fé e pela ideia de conviver ao redor de Padre Cícero, um grupo de pessoas passou a conviver em espécie de comunidade, cultivando práticas de troca e escambo, ao invés da compra e da venda. O governo brasileiro viu isso tudo com maus olhos, achando que era uma experiência comunista", conta Fran Teixeira.

O resultado é escabroso. Mais de mil mortos, com pouquíssimos sobreviventes, sendo que a maioria destes corpos foram enterrados em local desconhecido até hoje, impedindo que seus familiares pudessem velá-los e identificá-los.

Ao entrar em contato com essa história e uma leitura casual de Fran de Antígona fizeram com que o grupo começasse a arquitetar um esboço do que viria a ser Nossos Mortos. "Durante a viagem, também passamos por Canudos, na Bahia, e no Sítio do Mocó, no Piauí.

Neste último, conhecemos a história de uma comunidade que precisou ser removida do local ao se descobrir seu patrimônio arqueológico, mas que precisou deixar para trás seu cemitério pela impossibilidade de movê-lo dali. Isso tudo apenas solidificou essa ideia da peça. Queremos falar sobre esses cadáveres esquecidos, seja por serem resultado da máquina de opressão do Estado, seja pela negligência de figuras de poder com interesse em fazer uma investigação apropriada sobre o assunto", explica a diretora, ressaltando que o Teatro Máquina tem caráter de teatro político em suas montagens e que esta não é diferente.

Em Antígona, vemos a história de uma irmã que deseja enterrar o irmão, mas que é impedida por seu tio, agora general, já que o morto em questão é considerado um traidor. No texto da peça, o grupo utiliza o diálogo entre ela e sua irmã, Ismênia, durante a tentativa de se despedir do irmão morto e, com dramaturgia própria, fazem as conexões com os massacres da história do nosso país. "A discussão essencial do texto é sobre a justiça. Afinal, o que é realmente justo?", completa Fran Teixeira.

'NOSSOS MORTOS'

Do Teatro Máquina (CE). Direção: Fran Teixeira.

Hoje, às 19h30.

Centro Cultural Banco do Nordeste (R. Coronel José Gomes de Sá, 7, Centro, Sousa - 3522.2980 - <https://www.bnb.gov.br/centro-cultural-sousa> - <http://www.facebook.com.br/ccbnb>)

Entrada franca



1ª8
SET
2018

25

Festival
Nordestino de
Teatro de
Guaramiranga

ANOS



Foto: Luiz Alves

MOSTRA NORDESTE | CEARÁ

Realização



Agradecimento



Apoio Institucional

ESTE PROJETO É APOIADO PELA
SECRETARIA ESTADUAL DA CULTURA
LEI Nº 13.811, DE 16 DE AGOSTO DE 2006.

01.09 # SÁB

NOSSOS MORTOS
GRUPO TEATRO MÁQUINA

20h30 # 60m # 12 Anos # *Teatro Rachel de Queiroz*

1ª8
SET
2018



25

ANOS

Festival
Nordestino de
Teatro de
Guaramiranga



 *Tribunal que condenou Lula também impede visita de Ciro Gomes ao ex-presidente*

‘Nossos Mortos’ cruza a tragicidade de Antígona e a violência de massacres no nordeste

By [Cultura Carta Campinas](#) / in [Cultura SP](#) / on domingo, 08 abr 2018 10:00 AM / 0 Comment

Em São Paulo – Pode ser visto no Sesc Pompeia até o dia 15 de abril, o espetáculo “Nossos Mortos”, com direção de Fran Teixeira, do grupo Teatro Máquina, de Fortaleza/CE.

O Teatro Máquina é um grupo teatral nascido em Fortaleza, CE, em 2003. Em 15 anos de trabalho,

comemorados agora em 2018, uma característica se consolida na trajetória da companhia: a de propor e vivenciar processos criativos intensos. Dessa forma também nasceu “Nossos Mortos”, oitava peça do repertório do grupo.

O espetáculo surgiu do desejo de aprofundar e desenvolver algumas das experimentações realizadas durante uma expedição de 28 dias por três regiões do semiárido nordestino em 2015. Nessa viagem, questões que envolvem os massacres de Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, no Crato-CE e de Canudos, no sertão da Bahia, se fundiram à tragicidade exposta no mito de Antígona. Ao abordar os extermínios e fazer paralelos com o mito grego, despertou no grupo o interesse no desenterrar as inúmeras histórias brasileiras que ainda precisam ser contadas, assim como precisam ser devidamente sepultados os corpos abandonados de seu povo.

Sobre o massacre ocorrido em 1937 – ano em que Getúlio Vargas liderou um golpe que garantiu a sua permanência na presidência da república e instituiu uma severa ditadura no país – os moradores da comunidade de Caldeirão foram denunciados e acusados de praticar o comunismo. Tropas do governo federal e da polícia militar do estado do Ceará invadiram e bombardearam a localidade, deixando um saldo de milhares de mortos, enterrados em uma vala comum (nunca localizada). Pesquisadores julgam que o episódio pode ter sido o maior massacre da história brasileira.

A pesquisa do Teatro Máquina trata de dar forma à tragicidade exposta no mito de Antígona, a partir da versão clássica de Sófocles. A abordagem enfatiza a defesa do direito natural de sepultamento, quando o Estado se omite ou infringe a tradição. Aprofundando relações com outras versões do mito nas traduções e releituras dos dramaturgos Friedrich Hölderlin, Bertolt Brecht, José Watanabe e Ângela Linhares, foram recolhidos também alguns documentos históricos de alguns massacres a movimentos populares, como o do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, na cidade de Crato (CE).

Em Nossos Mortos, o Teatro Máquina pretende dar luz às relações intertextuais das variadas versões de Antígona e dos estudos e crônicas que analisam e descrevem o massacre do Caldeirão de



 Carta Campinas
31.662 curtidas

[Curtir Página](#) [Fale c](#)

Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

ASSINE SÓ NOTÍCIAS DE CULTURA

Email *

[Assinar!](#)

ASSINE NOSSAS NOTÍCIAS

Email *

[Assinar!](#)

PUBLICIDADES



Crítica

A materialidade do pranto

15.4.2018 | por Valmir Santos

Foto de capa: Luiz Alves/Dragão do Mar

O mito grego de Antígona orienta a criação do oitavo espetáculo do grupo Teatro Máquina com dez anos de atuação em Fortaleza. Com estreia e curta temporada no Sesc Pompeia, em São Paulo, *Nossos mortos* modula a tragédia de Sófocles, escrita no século V, com dados históricos de um dos massacres ordenados pelo Estado brasileiro contra movimentos populares sociorreligiosos que despontaram no Nordeste, entre os séculos XIX e XX.

Assim como Sófocles e outros poetas da época clássica, que retomaram mitos antigos a partir da tradição oral, o grupo colheu relatos de moradores da região do Cariri, no sul cearense, sobre o assassinato de centenas de pessoas da comunidade do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, em 1937.

Esse é o episódio central na dramaturgia elaborada pelo grupo que se permitiu inserir trechos de outras versões do mito por autores clássicos ou contemporâneos. Estão correlacionados o genocídio dos sertanejos – crianças, velhos e adultos atirados ao apagamento da vala comum – e a coragem de uma princesa em sua insurgência pelo dever natural e sagrado de enterrar o corpo de um dos irmãos cujo sepultamento na cidade fora proibido pelo rei/general de Tebas.

“A dor de Antígona (Ana Luiza Rios) e de sua irmã Ismênia (Loreta Dialla) equivale, trágica e artisticamente, ao pranto dos sertanejos massacrados”

Na pesquisa de campo pelo sertão do Cariri os artistas rastrearam estudos, documentos, cantos fúnebres e lendas em torno do sítio coordenado pelo beato José Lourenço (1872-1946), discípulo de Padre Cícero. Ele atraiu muitos seguidores ao Caldeirão de Santa Cruz do Deserto. A agricultura autossuficiente e o princípio igualitário – lido como comunista pelo turbulento governo do presidente Getúlio Vargas, em estado de guerra e prestes a dar um golpe – logo

despertaram a contrariedade da igreja, dos políticos e dos generais ante o “núcleo de fanáticos”, precipitando o massacre pelas tropas militares.

A tragédia do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto é comumente comparada às proporções sociais dos conflitos que atingiram outro beato, Antônio Conselheiro, e seus milhares de fiéis em Canudos (BA). *Nossos mortos* insinua abarcar também o genocídio do arraial baiano, em 1897, de dimensões territoriais maiores, mas prioriza as circunstâncias e reflexos do Caldeirão.

O espetáculo desenvolve essa escolha com pertinência cênica em sua primeira parte. Noções de injustiça social no contexto sertanejo do Brasil subdesenvolvido superpõem o chamado berço da civilização humana no qual as contradições costumavam ser expostas no espaço público.

Há breve menção a lutas atuais e correlatas manifestadas por camponeses, indígenas ou parentes de perseguidos políticos em contextos nacional ou internacional. Fica subentendida a criminalidade aguda nos centros urbanos. Em janeiro a capital cearense registrou matança de 14 pessoas num baile de forró, maior chacina do estado.

Ao manejar esses microcosmos fictícios e reais de violências explosivas, a encenação de Fran Teixeira elege a força da sutileza para expressar indignação sob a ótica do tenso século XXI que parece continuação da “era dos extremos” do século XX, como cravou o historiador inglês Eric Hobsbawm (1917-2012).

A perspectiva da obra é do feminismo, com foco nas irmãs Antígona e Ismênia. Não há espaço para o rei Creonte, o seu filho Hemon, apaixonado pela heroína, o profeta Tirésias, o coro de anciões, etc.



Ana Luiza Rios e Loretta Dialla em 'Nossos mortos'

Foto: Luiz Alves/Dragão do Mar

Compõem a narrativa as ações corporais e vocais das atrizes Ana Luiza Rios e Loretta Dialla. O desenho dos corpos apoiados um ao outro, a mutualidade da caminhada circular e a performatividade das incelências (cantiga para defuntos) caracterizam a elegia, canção de lamento oposta ao ditirambo, o louvor ao deus Dionísio.

A dor de Antígona (Ana Luiza) e de sua irmã Ismênia (Loretta) equivale, trágica e artisticamente, ao pranto dos sertanejos massacrados. Até hoje seu Raimundo e dona Mariquinha, moradores do Crato, repetem piamente que ouvem o choro de um menino como eco daquela vala comum de localização incerta, passados 80 anos. A direção e a preparação musicais, com execução ao vivo de instrumentos de corda e de percussão, tornam a dolência e as alusões tecnicamente precisas.

Na segunda parte, a dramaturgia faz um desvio radical para retomar passagens mais estritas de Sófocles, ao que a encenação assente adotando um tom mais solene. O dínamo gerado pela dupla presença de Antígona/Ismênia se desarticula, tornando preponderante a figura da personagem-título.

Enquanto Loretta recua para o *set* dos instrumentistas, Ana Luiza executa um solo com aura de dramaticidade. A atuação dá mais peso à palavra sem que o enunciado corresponda à densidade da tragédia, como a luz e a música dão a entender. A expressividade corporal da atriz é ofuscada, inclusive pelo manto vermelho que a cobre. O espetáculo perde ritmo e mergulha em espessa penumbra, até a nova guinada no movimento final.

Loretta e Ana Luiza reatam a energia ritual, dando materialidade ao pranto estendido à humanidade numa cena comovente, lembrando cantochão e coroando as concepções vocal e musical de Consiglia Latorre. Os corpos são silhueta e halo no caminho em direção à circunferência cenográfica que ao mesmo tempo é sol e lua.

.. Em tempo: o jornalista e crítico Valmir Santos integrou a comissão de teatro na quinta edição do Porto Iracema das Artes Laboratórios de Criação, em 2017, iniciativa da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. *Nossos mortos*, do Teatro Máquina, está entre os quatro processos selecionados no âmbito do Laboratório de Pesquisa Teatral e teve tutoria da atriz Tânia Farias (RS). Os demais processos foram: *Caldeirão de água no deserto – realidades e utopias?*, com os artistas Joaquina Carlos, Nilson Matos e Rita Cidade, sob tutoria do ator e palhaço Esio Magalhães (SP); *Despejadas – entre o teatro e a cidade, a questão do gênero*, com Edna Freire, Kelly Enne Saldanha, Amanda Freire, Nayana Santos, Doroteia Ferrelira e Henrique Gonzaga, sob tutoria da atriz, diretora e professora Adriana Schneider Alcure (RJ); e *O retorno a Juberlano*, com Tatiane Sousa, Cleomir Alencar e Gil Rodrigues, sob tutoria da artista, professora e pesquisadora cênico-instalativa Carolina Holanda (RN).

.. [Visite o site do Teatro Máquina](#)

Serviço:

Nossos mortos

Onde: Sesc Pompeia – teatro (rua Clélia, 93, Pompeia, tel. 11 3871-7700

Quando: Sexta e sábado, às 21h; domingo, às 18h. Até 15/4

Quanto: R\$ 7,50 a R\$ 25

Duração: 70 min.



TEATRO

Nossos Mortos

TEATRO MÁQUINA (CE)

16

Essa atividade aconteceu em 15/04/2018 no Sesc Pompeia.

Mas nossa programação não para!
Quer fazer uma nova busca?
Clique em [Programação](#) e fique por dentro de tudo o que está acontecendo nas Unidades do Sesc em São Paulo

TAGS [Teatro](#) [Espetáculo](#) [movimentos populares](#)

-A +A

Em **Nossos Mortos**, novo trabalho do grupo, o **Teatro Máquina** (Fortaleza-CE) traz a voz de Antígona articulada às inúmeras histórias dos massacres a movimentos populares, especialmente o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, em Crato, Ceará. Antígona é uma tragédia sobre uma irmã que deseja enterrar o irmão e sobre o tio dela, agora feito general, que a impede de enterrá-lo. É também sobre como o palco da política está infestado com o cheiro podre dos cadáveres esquecidos. Nesse espetáculo o grupo explora a fala, o canto e a ambiência sonora, a partir das sonoridades fúnebres sertanejas.

Vendas limitadas a 4 ingressos por pessoa.

Local: Teatro*

*O Teatro do Sesc Pompeia possui duas plateias (lados par e ímpar) e galerias superiores não numeradas. Por motivo de segurança, não é permitida a permanência nas galerias, de menores de 12 anos, mesmo acompanhados dos pais ou responsáveis

13 a 19 de abril de 2018 | **Guia Folha** 49

lugares. Sex. e sáb.: 21h. Dom.: 19h. Até 15/4. Ingresso: contribuição voluntária. | 📞

Nossos Mortos ★★★★★

Texto: Teatro Máquina. Direção: Fran Teixeira. Com: Ana Luiza Rios e Loreta Dialla. 70 min. 16 anos.

O grupo cearense Teatro Máquina se inspira na tragédia grega "Antígona", escrita por Sófocles, para narrar a história de dois massacres ocorridos no sertão nordestino: o de Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, liderado pelo governo Vargas em 1937, e o da Guerra de Canudos, em 1896.

Sesc Pompeia - R. Clélia, 93, Água Branca, tel. 3871-7700. Sex. e sáb.: 21h. Dom.: 18h. Até 15/4. Ingr.: R\$ 7,50 a R\$ 25. | 📶 | 📱 | 📺

teatro e dança



CADERNO 3

Home / Caderno 3 / Maloca Dragão 2018: o maio e a maratona

ÚLTIMA HORA

FESTIVAL

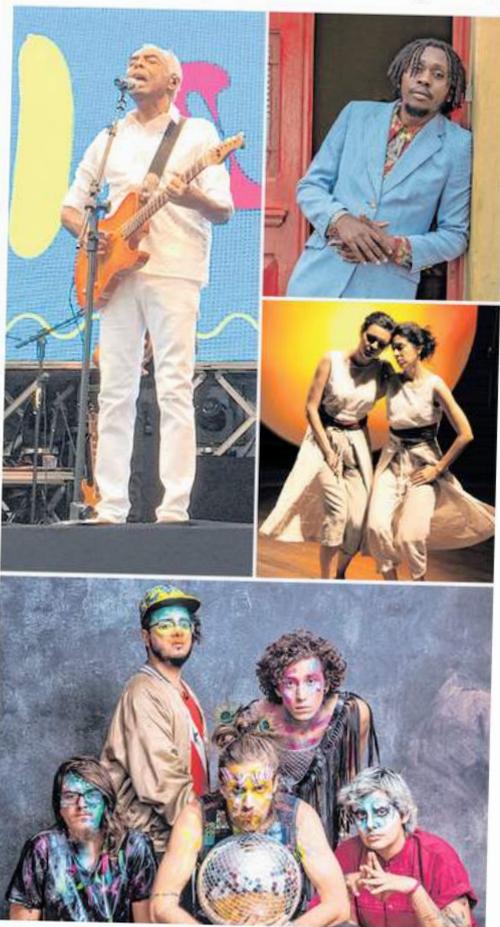


Maloca Dragão 2018: o maio e a maratona

O Maloca Dragão 2018 começa nesta terça (24), no Centro Dragão do Mar, e se estende até domingo (29)



00:00 · 23.04.2018 / atualizado às 08:26 por Felipe Gurgel - Repórter



Em sentido horário: Gilberto Gil, Rincon Sapiência, Projeto "Nossos Mortos", do Teatro Máquina e banda Francisco, El Hombre, atrações da Maloca. Além de música e teatro, evento contempla dança, cinema, artes visuais e outras linguagens

A edição 2018 do Maloca Dragão acontece a partir desta terça (24), e marca um movimento de resistência cultural, em tempos de conservadorismo e extremismo. Com o tema "As barricadas abriram caminho: 50 anos de maio de 68", o mega festival acontece até o próximo domingo (29), no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), com acesso gratuito.

A Maloca reúne mais de 150 atrações de música, teatro, dança, circo, cultura popular, além de exposições, feira de gastronomia, de design e moda; intervenções de arte urbana, lançamentos literários e sessões de cinema, debates e rodadas de negócios entre artistas e "players" (agentes do mercado artístico) de diversos países.

Para Paulo Linhares, presidente do Instituto Dragão do Mar, entidade que promove a Maloca, o tema do Maio de 68 envolve a urgência de se estabelecer um contrafluxo à "dramática situação que o País vive. E o fato histórico, de pensar esses 50 anos, é um momento de refletir a rebeldia, os sonhos daquele período. Mas com a oportunidade de pensar algo pra frente, e não pra trás. Aproveitamos, então, para fazer algo pra cima", observa Paulo, em entrevista por telefone.

Ele observa que a tensão política, no País, traz "espanto" e "incertezas" sobre o que se vive hoje em sociedade. "O avanço dessas forças fascistas nos assusta. E é algo muito orquestrado, com mídia, mais a web", destaca o gestor.

Paulo Linhares recapitula que, há 20 anos, enquanto secretário de cultura do Estado, pensou em realizar evento similar na Secult (CE), como uma "força propulsora de revolta, de capacidade de enfrentamento dessas forças de direita, do conservadorismo", define.

Na Maloca, diversos espetáculos, uma exposição e uma mostra de cinema abordarão o tema na programação.

Indagado se a Maloca Dragão é hoje uma das prioridades de gestão do Instituto Dragão do Mar, Paulo situa que o festival é um momento de celebração de uma política de artes.

"A Maloca é o momento que a gente reúne as forças do Ceará e do Brasil. E mostra essa capacidade de promover (um circuito cultural), emocionar, com esse processo de internacionalização (envolvendo países como Portugal, Suíça, Chile e França, cita ele), e criar fluxo de apresentação", observa.